

O olhar de Benedito Nunes sobre a obra de Eidorfe Moreira Benedito Nunes' view of Eidorfe Moreira's work

Maria Stella Faciola Pessôa Guimarães¹

Edna Maria Ramos de Castro¹

¹Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil.

Resumo: Os professores e intelectuais da Amazônia Eidorfe Moreira (1912-1989), mais identificado como geógrafo, e Benedito Nunes (1929-2011), mais relacionado à filosofia e à crítica literária, apesar da diferença de idade, tiveram proficiente aproximação, consequência da dedicação ao magistério, da convivência profissional na Universidade Federal do Pará e na antiga Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, mas sobretudo por um atributo comum: o interesse radical por múltiplas áreas do conhecimento, suas relações e possibilidades de reconstrução crítica do saber. Benedito Nunes, em diferentes momentos de criação da sua vasta obra, faz referências ao pensamento e à ampla produção intelectual de Eidorfe Moreira. Com base nos ensaios de Benedito Nunes, este ensaio pretende interpretar esse olhar do filósofo sobre o geógrafo.

Palavras-chave: Amazônia. Pensamento social. Intelectuais.

Abstract: The Amazonian professors and intellectuals Eidorfe Moreira (1912-1989), better known as a geographer, and Benedito Nunes (1929-2011), usually associated with philosophy and literary criticism, were, despite their age difference, close colleagues due to their activities at the Universidade Federal do Pará and at the Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia. They also shared a strong interest in several areas of knowledge, in the relationships among those areas and in the possibilities of a critical reconstruction of knowledge. In different places in his vast work, Benedito Nunes makes reference to Eidorfe Moreira's thinking and to his extensive intellectual production. Based on Benedito Nunes' essays, this paper intends to interpret the philosopher's view on the geographer.

Keywords: Amazon region. Social thought. Intellectuals.

GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pessôa; CASTRO, Edna Maria Ramos de. O olhar de Benedito Nunes sobre a obra de Eidorfe Moreira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 10, n. 3, p. 605-625, set./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222015000300006>.

Autor para correspondência: Maria Stella Faciola Pessôa Guimarães. Avenida Dezesesseis de Novembro, 881, ap 402, Bairro Cidade Velha. Belém, Pará, Brasil. CEP 66023-220. E-mail: stellapessoa@uol.com.br.

Recebido em 07/01/2014

Aprovado em 06/04/2015



Minha vida bela,
minha vida bela,
nada mais adianta
se não há janela
para a voz que canta...
(Meireles, 1982, p. 75)

INTRODUÇÃO

Eidorfe Moreira nasceu no ano de 1912 e faleceu em 1989. O nascimento ocorreu na Paraíba, mas o futuro professor, pesquisador e escritor mudou ainda menino com os pais para Belém e, desde então, sempre morou no Pará. Estudante, em 1932 teve que amputar o braço esquerdo como decorrência traumática de sua participação na revolta estudantil de apoio à Revolução Constitucionalista de São Paulo e no protesto contra a elevação das taxas escolares no Pará pelo governo de Magalhães Barata. Formou-se em Direito e casou-se com Marina – sem formação universitária, dedicada às atividades do lar, “pessoa simples e bondosa, que, pela extraordinária dedicação, muito contribuiu para a expansão intelectual do marido” (Chaves, 1989a, p. 19). Constituíram família e tiveram três filhos. Eidorfe ensinou Geografia em várias escolas de ensino secundário. Trabalhou na antiga Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) – agência criada na década de 1950 para tratar do planejamento da região. Produziu vasta obra multidisciplinar – com foco principal na geografia –, resultado da reunião de livros e de artigos na imprensa paraense, sobretudo em torno da Amazônia e de suas questões. Ingressou na Universidade Federal do Pará (UFPA) em 1967. Enquanto viveu, seus livros foram editados pela SPVEA, pela UFPA e, em grande parte, custeados pelo autor. Nos últimos anos de vida, Eidorfe teve sérias dificuldades financeiras, prolongadas até sua morte. Essas informações sobre o intelectual são compiladas, principalmente, a partir da “Nota biográfica” elaborada por Chaves (1989a).

No ano de 1929, Benedito Nunes nasceu em Belém, a mesma cidade onde faleceu em 2011. Sempre morou na capital do Pará, embora tenha feito muitas viagens a outros estados brasileiros e ao exterior, especialmente voltadas

a desenvolver estudos e proferir conferências e cursos. Sempre resistiu aos convites para mudar de residência. Como traço comum de sua geração em Belém, a formação universitária de Benedito é em Direito, assim como a de sua esposa, Maria Sylvia, também professora da UFPA. Não tiveram filhos. Com alto nível cultural, fizeram de sua casa ponto de encontro de intelectuais e artistas. Conversavam sobre música, cinema, teatro, literatura etc. Benedito trabalhou na SPVEA. Foi professor catedrático e emérito da UFPA, onde coordenou a implantação dos cursos de Filosofia e de Teatro. Sua produção intelectual está distribuída em artigos de jornal – Pará, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais – e livros publicados, em sua maioria, por editoras nacionais de grande circulação, abordando temas relacionados à filosofia, à literatura e a diversos domínios do conhecimento. Benedito incluiu a Amazônia em suas abordagens. Retiramos essas informações da pesquisa desenvolvida na UFPA (Guimarães, 2012b).

A distância entre as datas de nascimento de Eidorfe e de Benedito é de dezessete anos – diferença que não impediu a proficiente aproximação entre os dois pensadores e moradores da mesma cidade, consequência da dedicação ao magistério, da convivência na SPVEA e na UFPA, mas sobremaneira por um atributo comum: o interesse radical de ambos por múltiplas áreas de conhecimento, as relações entre elas e as possibilidades de construção crítica do saber nas ciências humanas. Todavia, os dois diferem bastante do ponto de vista da propagação e recepção de suas ideias, pois o destaque de Benedito – no Pará e além do estado – é bem maior. É fundamental realçar que Benedito, em diferentes momentos de criação de sua ampla obra, fez referências aos livros de Eidorfe e dedicou-lhes análise crítica através de ensaios publicados em livros e jornais.

O objetivo principal deste texto é apresentar o olhar especial e abalizado de Benedito sobre o acervo assinado por Eidorfe. Destarte, o *paper* pretende propagar, na atualidade, o pensamento de Eidorfe, de modo a despertar maior interesse para ser estudado. Daí a exposição prévia,



expressa logo nas linhas a seguir como uma espécie de marco de provocação teórica, de questões ligadas, desde o título questionador – Por que ler Eidorfe Moreira? – até a recepção de autores identificados com a Amazônia. Entendemos que tal aspecto teórico, além de embasar a essência do presente artigo, coloca a circulação de obras em pauta e, assim, surge como contributo a esse debate sem a pretensão de encerrar o temário, mas acreditando que venha a suscitar futuros aprofundamentos.

POR QUE LER EIDORFE MOREIRA?

A recepção da sociologia alemã no Brasil é um dos tópicos de estudo de Villas Bôas (2006). Sobre o assunto, ela reuniu em livro alguns trabalhos importantes desenvolvidos ao longo de sua trajetória intelectual nas ciências sociais. Embora nossa atenção, neste ensaio, não esteja voltada para a sociologia alemã, queremos nos apropriar, a título de referências, de alguns aspectos mais gerais a respeito da recepção como foco de análise, que mereceram considerações da autora. A nosso ver, eles contribuem para a discussão sobre a obra de Eidorfe Moreira e, assim, para dialogarmos com a tradição: “acredito que o diálogo com a tradição, o estudo da recepção das ideias, a exegese dos textos, não resolvem os problemas do mundo, mas podem ao menos possibilitar a formulação de novas perguntas” (Villas Bôas, 2006, p. 27).

Sim, a recepção, como articuladora de interrogações e igualmente como “dimensão atuante” de uma obra (Villas Bôas, 2006, p. 63), “pode abrir um novo horizonte para o entendimento” (Villas Bôas, 2006, p. 11) ou provocar uma “forte inclinação sobre as possibilidades do conhecimento” (Villas Bôas, 2006, p. 16), mas ainda assim parece haver

uma espécie de ausência, recusa ou menosprezo pelo estudo das ideias do ponto de vista de sua leitura e reinterpretção, do ponto de vista de sua recepção, do ponto de vista dos efeitos que provocam, do ponto de vista de suas possibilidades de construção de novas visões de mundo, mudança ou permanência de modos de ação no mundo (Villas Bôas, 2006, p. 25, grifos nossos).

Entendemos que o sentido de visitarmos as ideias de Eidorfe, tentando rechaçar assim a recusa apontada na citação, tem sobremaneira a intenção de verificarmos o quanto elas podem ser, como formas vivas, iluminadoras na abordagem de questões atuais relativas à Amazônia e contribuição para novas perspectivas quanto ao avanço do conhecimento. Se Villas Bôas (2006, p. 27) faz referência à “formulação de novas perguntas”, que, no campo das ideias, “o diálogo com a tradição” tem o poder de possibilitar, formulamos então um primeiro questionamento: o que explica a baixa recepção da obra de Eidorfe Moreira?

Como as interrogações começam a surgir, queremos prosseguir: Pierre Bourdieu seria, nessa vista, um caminho para incorporar ensinamentos visando à obtenção de respostas? Podemos compreender que a obra de Eidorfe Moreira é um produto cultural composto basicamente de textos, entendendo, contudo, que não devemos limitar nossa análise exclusivamente a esses textos, como se eles fossem absolutamente autônomos (Guimarães, 2012b). Com o mesmo raciocínio, no extremo oposto, não é indicado desconsiderá-los na essência e na forma e tão somente relacioná-los diretamente ao contexto social em que foram construídos, provocando o que Bourdieu (2004, p. 20) chama de “erro de curto-circuito”. Entre essas extremidades – texto e contexto –, que são polos distanciados, existe um “universo intermediário” chamado campo (Bourdieu, 2004, p. 20). Ora, a noção de campo desenhada pelo estudioso francês, como teoria enquanto modelo de análise e compreensão social, indica uma possibilidade concreta de direção às pesquisas que visam à interpretação e à recepção de uma produção intelectual – seja ela literária, filosófica, científica, artística etc. A “formulação conceitual” da noção de campo e “seu emprego na prática analítica” partiram das “reflexões [de Bourdieu] sobre as condições sociais de emergência e operação da atividade intelectual” (Miceli, 2003, p. 63). O que interessava a Bourdieu era saber “como a sociologia poderia e deveria apreender o trabalho intelectual” (Miceli, 2003, p. 66):



Bourdieu deu recheio sociológico à sua compreensão da atividade intelectual e artística. (...) [Elaborou] um modelo de encaixe e interpretação dos fatores sociais retidos como pertinentes para dar conta de um dado estado da cena intelectual (Miceli, 2003, p. 64).

Segundo Bourdieu (2004, p. 21), o campo intelectual é um “mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc.”. E ainda: “Todo campo (...) é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (Bourdieu, 2004, p. 22-23). O campo intelectual, cheio de pontos de tensão, tem agentes – escritores, editores, leitores e instituições educacionais, por exemplo – que se relacionam de acordo com alguns princípios. Assim, o campo intelectual “comanda os pontos de vista, (...) as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas (...), os objetos [de interesse]” (Bourdieu, 2004, p. 23). Logo, a noção de poder é central. Há, evidentemente, um jogo de poder no campo intelectual. Como emerge, no meio social, a atividade intelectual?

Para Bourdieu (2004), no campo, os agentes têm posição – e um autor é um agente –, ocupada por cada um de acordo com o seu capital intelectual ou científico, decorrente desse poder simbólico que, por sua vez, está subdividido em duas espécies no mesmo campo: capital político ou temporal (ocupação de posição nas instituições) e capital específico ou puro ou ainda prestígio intelectual pessoal. A estrutura do campo é,

grosso modo, determinada pela distribuição do capital científico num dado momento. Em outras palavras, os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume do seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço (Bourdieu, 2004, p. 24, grifo do autor).

Os agentes de um campo incorporam *habitus* ou são portadores de *habitus*, outro termo conceituado por Bourdieu (Miceli, 2003, p. 65): é um “sistema de disposições socialmente constituídas de um grupo de agentes”. Bourdieu elegeu o *habitus* “como princípio

unificador e gerador de todas as práticas” do campo (Miceli, 2003, p. 65).

Feita essa passagem por Bourdieu, continuamos sob o impulso da possibilidade de “formulação de novas perguntas”, vislumbrada por Villas Bôas (2006, p. 27). Como a recepção de uma obra ocorre nos circuitos brasileiros? Qual a lógica que a define? Um autor, como Eidorfe, que sempre morou na Amazônia, tem condições de ficar bem situado no campo de forças teorizado por Bourdieu? A sequência de questionamentos passa, então, por uma particularidade importante: Eidorfe sempre morou na Amazônia, no Pará. Novas perguntas, então. Como ver a Amazônia a partir de seus intelectuais? Como repercutem seus discursos?

Conforme palavras próprias expressas no livro “Amazônia, as vozes do rio: imaginário e modernização”, a chilena Pizarro (2012, p. 13) é uma observadora externa à Amazônia que se propõe a entender o conjunto pan-amazônico através do estudo dos seus discursos, na “certeza da necessidade de chamar a atenção sobre uma área geográfico-cultural que é muito pouco conhecida nos estudos culturais do continente”. Em suas pesquisas, Pizarro (2012, p. 29) vê a Amazônia como uma “construção discursiva” e manifesta seu interesse em ir “além da experiência concreta” e, conseqüentemente, tender “para uma dimensão intelectual”. No trabalho, a escritora considera assim tanto o pensamento dos habitantes da Amazônia, “como daqueles que produzem alguma reflexão sobre ela, seus intelectuais” (Pizarro, 2012, p. 14), pois através de seus textos é possível “observar o olhar crítico e perceber o aparecimento de uma voz que denuncia” (Pizarro, 2012, p. 136). Queremos nos fixar nesse detalhe concernente aos intelectuais. Em termos da Amazônia brasileira, Pizarro situa e comenta, sobretudo, a voz de Euclides da Cunha, sem deixar de se referir e outorgar valor, nos meios intelectuais, ao que chama de “estética ilustrada” (Pizarro, 2012, p. 171), com esse título destacando na literatura sobre a região nomes ligados ao Pará: o do poeta João de Jesus Paes Loureiro e o do romancista Dalcídio Jurandir, este visto por Pizarro

(2012, p. 185, grifo nosso) também sob a ótica do “grande crítico Benedito Nunes”. Ao encerrar seu livro com o “Capítulo VI – Epílogo desta expedição”, texto permeado de observações e fotografias – com o clique do paraense Luiz Braga – sobre o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, Pizarro (2012, p. 258) escreve a seguinte observação: “Os intelectuais, escritores e jornalistas (...) fazem uso de seus discursos, porém estes raramente saem da região”. Todavia, esses discursos precisam ser mais conhecidos na própria Amazônia e também precisam sair da região, como sinaliza o último parágrafo do livro de Pizarro (2012, p. 259):

Estudar os discursos dessa região é conhecer as tensões originárias da cultura do continente. Terra da promessa, espaço de renovadas utopias, a Amazônia abriga a diversidade, a multiplicidade cultural, o espaço do inacabado, do deslocamento. Como cenário de construções culturais instáveis, de deslizamentos imaginários, a história da região aparece como um paradoxal modelo da labilidade das fronteiras geográficas, culturais e simbólicas no nível internacional. Estudar seus discursos é também se colocar numa perspectiva que permite visualizar grandes problemas relativos ao futuro da humanidade, no atual jogo de poder internacional sobre a região.

Entendemos que a expedição de Pizarro relatada na obra em pauta é desbravadora, mas não é a última. No entanto, essa expedição específica tem remate. Pelos caminhos que adota para fazer sua averiguação, a pesquisadora não poderia escolher epílogo mais adequado do que o Círio, como símbolo da “diversidade amazônica” (Pizarro, 2012, p. 252), pois não há “um discurso único que consiga expressar a Amazônia” (Pizarro, 2012, p. 254). Mais sobre o Círio a evidenciar essa multiplicidade: “A festa é a (...) negociação entre as forças que ordenam e as que desordenam, as da instituição e as do tumulto” (Pizarro, 2012, p. 254). O Círio “é também o momento de reunião da diversidade amazônica e do aparecimento do seu sentido de tolerância” (Pizarro, 2012, p. 254). E ainda: “O caráter da festa (...) é de rito sagrado e, ao mesmo tempo, carnavalesco” (Pizarro, 2012, p. 253-254).

No entanto, nessa expedição à Amazônia em busca de suas vozes, Pizarro não descobre Eidorfe Moreira, mesmo que ele tenha produzido, no conjunto de sua vasta obra estudando a região, trabalhos exatamente sobre o Círio, como “Visão geossocial do Círio” (Moreira, 1971), ou sobre Júlio Verne – “A Amazônia de Júlio Verne” (Moreira, 1985a) –, autor francês de projeção internacional que escreveu o romance “A jangada”, ambientado na Amazônia e que mereceu a atenção de Pizarro (2012); mas, sobretudo, a respeito do sertão em diferentes conotações: estamos fazendo referência a “O sertão: a palavra e a imagem” (Moreira, 1959), dedicado justamente à memória de Euclides da Cunha, e “Sertão em novas dimensões” (Moreira, 1985b), onde há, ainda com o sertão como tema, um capítulo com o nome “Amazonismos em Guimarães Rosa”. Fazemos, então, uso de metáforas ao constatarmos que a voz de Eidorfe estava tão silenciada que não foi nem escutada pela ampla pesquisa de Pizarro. A ausência de Eidorfe entre as vozes da Amazônia que Pizarro ressoa parece merecer uma explicação: os trabalhos do autor estão esgotados, tiveram tiragens reduzidas, muitas vezes custeadas por ele próprio ou editadas por instituições públicas, naturalmente sem mecanismos eficientes para distribuição em ampla escala. Parafraseando Hollanda (2006, p. 397, grifos nossos), podemos entender que a palavra de Eidorfe é “feita de luz mais que de vento”. Com essa lembrança, estamos querendo associar a luz como o valor da obra em si e o vento como a sua circulação.

Cabe dizer que, excepcionalmente, os livros de Eidorfe, enquanto ele vivia, chegaram às mãos de intelectuais de fora do Pará, muito conhecidos e respeitados no centro hegemônico do país. Portanto, luz e vento estiveram juntos em certa ocasião. É possível que esses destinatários ilustres no meio intelectual do país tenham sido poucos em termos numéricos e, até mesmo, pinçados ou escolhidos inteligentemente pelo próprio Eidorfe. A verdade é que Fernando de Azevedo, Guimarães Rosa, Jorge Amado e Gilberto Amado, por exemplo, formalizaram seus elogios a Eidorfe a respeito

das publicações paraenses (Chaves, 1989a, 1989b). Sabemos que a análise da correspondência é um caminho fundamental para a história intelectual, mas esse material documental ainda não foi localizado. Depois da morte de Eidorfe, houve a imediata edição de suas “Obras reunidas” (Moreira, 1989), também na esfera pública: iniciativa louvável – sobremaneira porque agrupou trabalhos dispersos e raros – do Governo do Estado do Pará, do Conselho Estadual de Cultura e da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC). Mas, não conhecemos registros significativos da circulação desse compêndio. Logo, diante dos fatos, um *flashback*: Eidorfe, como autor que sempre viveu na Amazônia, tem condições de ficar bem situado no campo de forças definido por Bourdieu?

Façamos menção a um breve registro sobre Eidorfe em “Amazônia: região universal e teatro do mundo” (Bolle *et al*, 2010, p. 7), livro coletivo “concebido como uma introdução multidisciplinar às principais questões ligadas à Amazônia, sob a ótica das ciências humanas”, no qual há várias referências ao pensamento de Pizarro (2012). Do referido livro, pinçamos um trecho com explicação dos organizadores: “De fato, como bem observou o geógrafo Eidorfe Moreira, a Amazônia é, em termos geomorfológicos, um anfiteatro” (Bolle *et al*, 2010, p. 15, grifo dos autores). E anfiteatro é uma palavra que volve historicamente aos antigos gregos e romanos, com a conotação de arena, de disputa de forças, de local de lutas a céu aberto e rodeado de degraus. Certamente, com essa imagem, Eidorfe viu a Amazônia como “um anfiteatro, com extensos e espaçados patamares” (Moreira, 1960a, p. 18).

A metáfora do anfiteatro é recuperada no livro “Amazônia: região universal e teatro do mundo” (Bolle; Castro; Vejmelka, 2010). O subtítulo dessa publicação recente, para se referir à Amazônia, empresta de Johann Wolfgang von Goethe a ideia de literatura universal. Da mesma forma, traz à lembrança Calderón de la Barca – poeta e dramaturgo espanhol do século XVII – e sua metáfora do “Grande Teatro do Mundo”. No caso da Amazônia, o teatro de Calderón de la Barca é o anfiteatro de Eidorfe Moreira (Guimarães, 2012a, p. 234).

Transcendendo limites disciplinares para caracterizar a região amazônica, na escolha de um símbolo – o anfiteatro, Eidorfe conseguiu unir com esse vocábulo a história, a geografia, a geologia, a política, o olhar do mundo sobre a Amazônia. Pensamos que propalar esse feliz *insight* de Eidorfe é também um convite para que os estudiosos das questões da região esquadrinhem sua obra:

A Amazônia (...) é um anfiteatro, e a disposição do seu relevo confirma isso, devendo-se apenas acrescentar que se trata no caso de um anfiteatro muito irregular, não só pela sua forma incompleta e excessivamente alongada como também pela posição assimétrica do Amazonas relativa ao conjunto.

A gradação de nível desse imenso anfiteatro imprime diferenças se não definidas pelo menos bem sensíveis ao relevo da região, diferenças que podem ser tomadas como base não só para uma divisão física como econômica dos seus quadros naturais. Assim é que, de acordo com essa gradação, temos 3 zonas de diferenciação: a várzea, a terra firme e o planalto (Moreira, 1960a, p. 53).

BENEDITO NUNES: LEITOR DE EIDORFE MOREIRA

Em 1989, [quando Eidorfe faleceu,] a professora Maria Anunciada Chaves – membro do Conselho Estadual de Cultura do Pará – já organizava os livros e ensaios esparsos de Eidorfe. Então, o Governo do Estado [do Pará], por intermédio da Secretaria de Educação (SEDUC), que tinha à frente a professora Therezinha Gueiros, decidiu incentivar e patrocinar a edição das “Obras reunidas” de Eidorfe Moreira (1989), enfileiradas em oito volumes das Edições CEJUP, fruto do trabalho de sistematização de Anunciada, que ainda escreveu a “Nota biográfica” (Chaves, 1989a) da coleção. Therezinha convidou o professor Benedito Nunes para elaborar a “Nota crítica” (Nunes, 1989) da produção intelectual de Eidorfe (Guimarães, 2012a, p. 213-214).

Decerto, a iniciativa de Therezinha Gueiros, ao convidar Benedito Nunes para escrever um ensaio crítico sobre a obra de Eidorfe Moreira, explica-se pelo fato de ela ter sido sua aluna de filosofia na UFPA (Gueiros,

2011) e saber que ele possuía conhecimento abalizado sobre a obra de Eidorfe, conhecimento esse já revelado em ensaios anteriores, como veremos adiante. Por ora, ao visualizarmos Benedito como leitor de Eidorfe, fazemos isso com a convicção de que a filosofia, com suas indagações, ativa o desenvolvimento da ciência, ativa a cultura. Aliás, segundo o próprio Benedito, “para que tenhamos [cultura] em nosso meio há de se mobilizar o pensamento (...) [e] faz-se mister, como condição prévia, que nasça e se desenvolva a consciência crítica” (Nunes, 2012b, p. 194). E há mais contribuições suas sobre o papel indagador e ativador da filosofia, como a que usamos a seguir: “O trabalho científico conclui, arremata, o que a filosofia deixou em suspenso” (Nunes, 2010b, p. 280).

Para discorrer sobre Benedito como leitor de Eidorfe, dividimos a análise em sete subitens. O começo é justamente a “Nota crítica” (Nunes, 1989), na qual Benedito faz abordagem mais geral do legado do professor de geografia. Na sequência, ainda com artigos de Benedito

post mortem de Eidorfe, realçamos mais quatro: a aula magna da UFPA proferida em 1999, com publicação posterior (Nunes, 2008); “Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)” (Nunes, 2004a); “Pará capital Belém” (Nunes, 2006); e também o discurso proferido em 2007 por Benedito na solenidade de comemoração do cinquentenário da UFPA, transcrito em livro (Nunes, 2012d). Depois, retrocedemos no tempo, na amplitude da produção intelectual de Benedito, para situar dois artigos específicos sobre Eidorfe – quando Eidorfe ainda vivia –, escritos durante o longo período em que o professor de Filosofia colaborou com o jornal “O Estado de S. Paulo”: “Imagens do sertão” (Nunes, 1960) e “Uma concepção geográfica da vida”, de 1961, publicado em livro mais de cinquenta anos depois (Nunes, 1961, 2012c). *In fine*, mencionamos, sucintamente, outras manifestações de Benedito a respeito do acervo de Eidorfe. Como apoio à análise, a Figura 1 exhibe duas colunas, contendo, em ordem

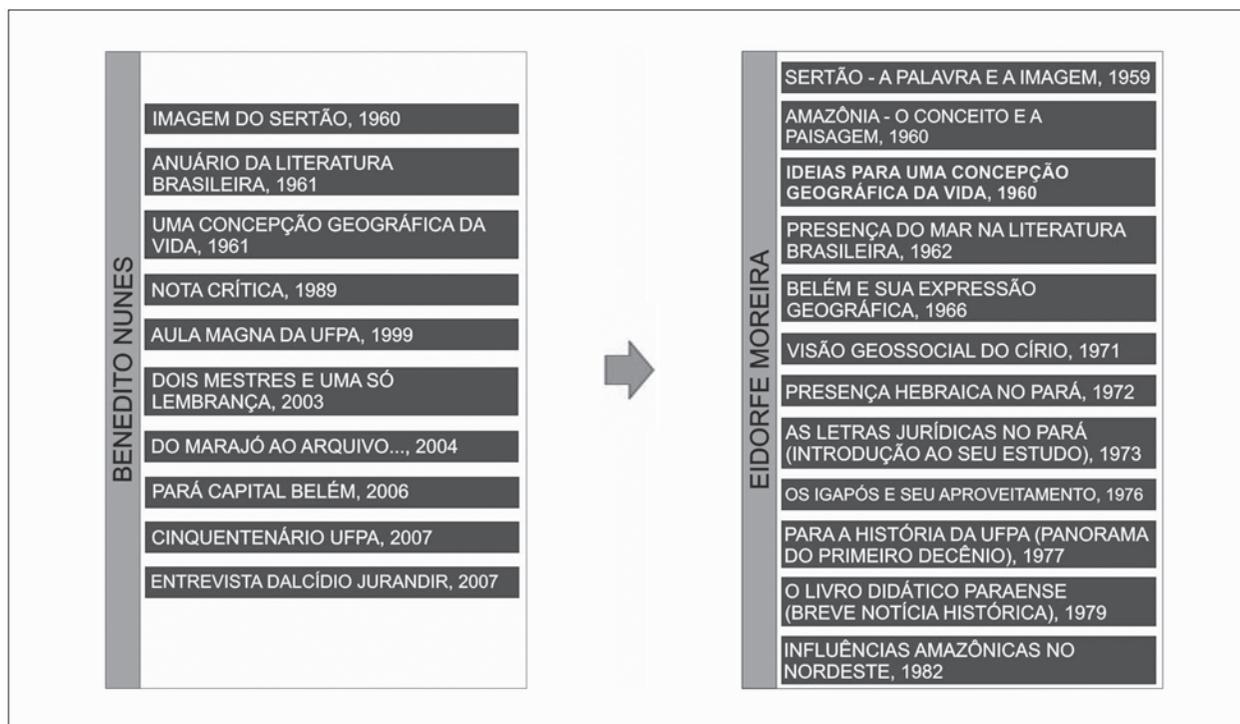


Figura 1. Benedito Nunes: leitor de Eidorfe Moreira. Trabalhos escolhidos.

cronológica, as publicações apontadas neste *paper*: de um lado, os dez textos de Benedito sobre Eidorfe; de outro, os doze de Eidorfe que mereceram a análise de Benedito.

A “NOTA CRÍTICA”

A “Nota crítica” de Nunes (1989), fixada no início do primeiro volume das “Obras reunidas” de Moreira (1989), procurou, de saída, agrupar e caracterizar as linhas principais do grande acervo criado pelo professor de geografia. A Figura 2 reproduz parte dos originais datilografados e assinados dessa nota, sendo então possível constatar que a denominação original “Obras completas” fora substituída por “Obras reunidas”. De fato, nem todos os textos de Eidorfe estão na coleção “Obras reunidas”, daí a sutileza dessa troca. Observamos, por exemplo, que os artigos de Eidorfe veiculados em jornais de Belém – principalmente “A Província do Pará” – não foram incluídos na coleção dos oito volumes constituídos graficamente por meio de fac-símile.

Cabe observar (...) na densa “Nota crítica” a visão de conjunto demonstrada por Benedito ao distribuir a obra de Eidorfe em ordens de estudo – sem “pretensão sistemática”, mas para acentuar a “diversidade” revelada com “unidade de escrita” e “unidade de forma de pensamento”, usando a “linha sinuosa, indagadora do ensaio enquanto forma individuada, literariamente relevante de investigação teórica, capaz de elevar mesmo os temas locais, particulares, a um plano de universalidade cultural e histórica” (Nunes, 1989, p. 25 *apud* Guimarães, 2012a, p. 226).

As ordens de estudo vislumbradas por Benedito são três: “os específicos sobre a região amazônica (...); os geográfico-literários (...) e os da história cultural do Pará” (Nunes, 1989, p. 25). Em cada ordem, Benedito inseriu exemplos dos respectivos trabalhos de Eidorfe. Aproveitamos essa ideia do agrupamento e a transformamos em ilustração (Figura 3), na qual aparecem as ordens e os livros correspondentes.

Ao promover essa leitura da produção de Eidorfe, Benedito recuperou a definição de ensaio, aos moldes

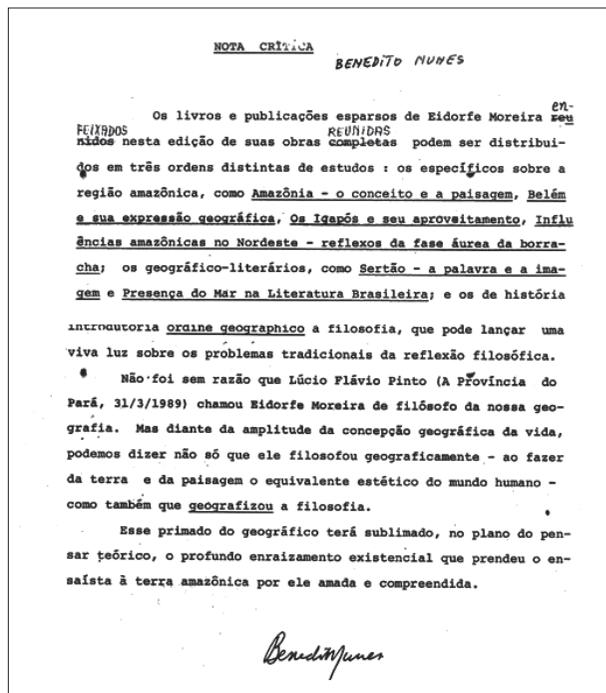


Figura 2. Cópia da primeira e da última página dos originais da “Nota crítica”. Fonte: Arquivo pessoal de Benedito Nunes.

de Montaigne, para explicar o estilo de escrita do autor; assinalou a diversidade temática da obra, aliada à unidade do olhar, e ainda destacou a sua capacidade de combinar, nas abordagens, aspectos locais e universais. Quanto ao agrupamento, Benedito apenas o utiliza como caminho didático para uma primeira assimilação do amplo conjunto, uma vez que, em seu entendimento, na visão do todo, “as formulações compreensivas do conjunto [são] sempre falhas, mas sempre inevitáveis” (Nunes, 2010b, p. 299).

Em seguida, Nunes (1989) concentrou seu olhar em “Ideias para uma concepção geográfica da vida”, publicadas pela primeira vez em 1960 (Moreira, 1960b) e foco privilegiado da “Nota crítica”, livro no qual Eidorfe apresentou “uma compreensão da vida no seu mais largo sentido de extensão, (...) na sua plenitude cênica”, atinando tal perspectiva geográfica como “incomparavelmente superior a qualquer outra”, conforme exemplificou: “Quem estuda uma planta ou um animal conhece uma espécie, mas quem estuda um acidente geográfico,

nem por isso compreende uma paisagem” (Moreira, 2012, p. 19-20). A leitura de Benedito sobre essa percepção de Eidorfe da ciência geográfica foi a seguinte:

(...) a geografia não pode isolar os fenômenos que descreve. Embora respeite a individualidade de cada um e as características que os distinguem entre si, a plenitude de seu conhecimento é atingida quando ela, depois de os ter descrito particularmente, passa a tratá-los em conjunto, divisando as relações de uns com os outros. É que os fatos de natureza geográfica, devido à sua própria posição no espaço e à sua base física arraigada na unidade do planeta, têm unidade maciça (Nunes, 1989, p. 26).

“Ideias para uma concepção geográfica da vida” (Moreira, 2012), com extensa bibliografia, tem três subdivisões: “Aspectos da problemática geográfica”, “Uma visão geográfica da cultura” e “O homem e a paisagem”. Salientamos que, a nosso ver, em vários trechos desse capítulo final, a sensibilidade de Eidorfe é o aspecto mais

impactante, quando o pensador estabeleceu diferenças entre o homem prático e o sonhador, entre a paisagem física e a paisagem ideal:

O homem prático submete invariavelmente a sua paisagem ideal às considerações e aos padrões rotineiros da paisagem física; não vê a primeira senão como um reflexo ou uma ampliação da segunda, razão por que a diferença entre ambas é nesse caso apenas de grau ou dimensão. O sonhador, ao contrário, não só as polariza como torna incompatível a significação de ambas em face da sua vida. Por força da sua preferência sistemática por uma, inverte-lhes o sentido e a função; torna a paisagem ideal o campo efetivo da sua vida.

Quando vai à sua geografia ideal, o homem prático vai apenas como turista. O sonhador não: vai sempre como nativo ou patriota, e somente quando as vicissitudes objetivas vencem-lhe as relutâncias afetivas do apego natal é que ele a abandona, quer dizer, expatria-se. O sonhador só conhece a rigor uma geografia – a que existe na sua sensibilidade e no seu sonho (Moreira, 2012, p. 173-174).



Figura 3. Agrupamento de alguns estudos de Eidorfe Moreira feito por Benedito Nunes.



Trechos como esse certamente foram marcantes para Benedito: o ponto de vista geográfico descrito por Eidorfe, além do “contato em extensão e em profundidade com a realidade exterior”, está igualmente direcionado para a “realidade humana” (Nunes, 1989, p. 27):

Pelo impacto que ocasiona no pensamento, pela reflexão que promove sobre o ser, a existência e o conhecimento, a perspectiva geográfica [da vida] escolhida [por Eidorfe] tem a mesma função reveladora das situações-limite concebidas por Karl Jaspers. (...)

Esse primado do geográfico terá sublimado, no campo do pensar teórico, o profundo enraizamento existencial que prendeu o ensaísta à terra amazônica por ele amada e compreendida (Nunes, 1989, p. 28, grifo nosso).

Benedito, como professor de filosofia, sempre analisou o pensamento de Jaspers nos estudos sobre a filosofia contemporânea, mais especificamente entre as filosofias existenciais, ou seja, em torno da existência humana. Interessava a Jaspers, o “caminho da filosofia, que ladeia o da religião, e com este acaba se encontrando” (Nunes, 2004b, p. 143). Jaspers definiu situações-limite vividas com luta e dor, mas propagava que “o valor existencial das situações-limite é o de acordarem e desentorpecerem o indivíduo, situando caminhos possíveis a diferentes possibilidades de uma escolha pessoal” (Perdigão, 2001, p. 548).

AULA MAGNA DA UFPA

Em 1999, Benedito proferiu a Aula Magna da UFPA. O tema escolhido foi “Universidade e regionalismo”. Quase uma década depois, tal palestra foi replicada pelo Centro de Cultura e Formação Cristã da Arquidiocese de Belém (CCFC), com nova designação: “Amazônia e suas culturas” (Nunes, 2008).

Em seu pronunciamento denso, Benedito refletiu a preocupação com as culturas da Amazônia, assunto que ele viu com bagagem cultural própria e de cunho universal, construída ao longo de anos, propiciada sobremaneira pelos conhecimentos de filosofia, e que teve na UFPA seu meio fértil de criação e divulgação social. No começo

da conferência, o professor já fixou o interesse maior do seu discurso, motivado por duas “razões conjugadas”: a Amazônia – de um lado, por ser “um atraente e privilegiado objeto de conhecimento”; ou de outro, pela presença de suas universidades, no caso em especial, a do Pará (Nunes, 2008, p. 255-256). Nessa apresentação, como de hábito, Benedito também foi buscar o passado, objetivando entender o presente. Para o professor, a Amazônia despontou como “marco científico” e “referencial literário” visando ao “conhecimento da realidade circundante” (Nunes, 2008, p. 258), haja vista os percursos dos viajantes, geógrafos, naturalistas, zoólogos, literatos, geólogos etc. Houve criação tardia da universidade no Pará, se comparada com outras iniciativas no Brasil: “Os cientistas de formação acadêmica vinham de fora, desde o século XVIII” (Nunes, 2008, p. 258).

Para uma plateia constituída de universitários, provenientes de diversas áreas do conhecimento, Benedito tratou também da aproximação e das trocas entre os cursos e as disciplinas, sobretudo nas ciências humanas, porque “nos últimos anos desfizeram-se as concepções totalizadoras, que enfeixavam (...) o conhecimento do real” e, mesmo sem novos paradigmas, havia uma crise com “proveitosas compensações”, como a “prática da interdisciplinaridade” (Nunes, 2008, p. 263). Foi nesse ponto da apresentação, com foco na interdisciplinaridade e nas suas acepções, que Benedito evocou Eidorfe:

Duas acepções de interdisciplinaridade se apresentam: ou se trata de uma colaboração entre as ciências, produzindo domínio científico mais amplo que o das disciplinas convergentes, como é a Cibernética, resultante da formalização de modelo extraído da Matemática, da Física e da Biologia, em proveito de uma ciência da informação, oriunda, portanto, de um intercâmbio conceitual entre diferentes disciplinas; ou é o confronto dialogal, crítico e interpretativo, a cargo de estudantes e professores, entre disciplinas, cujas fronteiras movediças, instáveis, convidam ao debate de conceitos, no esforço de entrosá-las teoricamente para melhor compreendê-las e para melhor aproveitar-lhes os benefícios da aplicação prática que geram. Esta atividade dialogal poderia mobilizar reuniões acadêmicas, de que

participassem um ou mais departamentos. Antes mesmo do surgimento de nossa Universidade, um homem sozinho, Eidorfe Moreira, já falecido, trabalhando isoladamente, exerceu o segundo tipo de interdisciplinaridade na elaboração de percuciente conceituação da Amazônia (“Conceito de Amazônia”)¹ e de magistral ensaio de reflexão filosófica enraizada na paisagem amazônica (“Ideias para uma concepção geográfica da vida”), o primeiro aqui escrito nesse gênero (Nunes, 2008, p. 264-265, grifo nosso).

O diálogo que Eidorfe conduzia sozinho entre as disciplinas, como apontou Benedito, promovia uma espécie de fusão entre elas, de tal modo que as tornava indissociáveis depois da aproximação. Não é nossa intenção examinar diferenças entre os conceitos multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar, mas queremos evidenciar o interesse de Eidorfe por vários campos do saber, como constata Benedito ao analisar sua obra. Nesse aspecto, um trabalho recente – “Eidorfe Moreira e o conhecimento transdisciplinar” – tem a assinatura de Coelho (2012) e não prescinde de um colóquio interessante com a “Nota crítica” (Nunes, 1989).

DO MARAJÓ AO ARQUIVO: BREVE PANORAMA DA CULTURA NO PARÁ

O Banco de Crédito da Borracha foi criado em 1942 e está lá a origem do atual Banco da Amazônia (BASA). Em comemoração aos sessenta anos do BASA, houve a edição de “A Amazônia e o seu Banco”, trabalho depois ampliado sob a denominação “Amazônia, terra e civilização: uma trajetória de 60 anos” – obra organizada por Armando Dias Mendes, com cinco seções: a região, a economia, as políticas, o banco, a cultura (Guimarães, 2012b): “O livro não é sobre o Banco, é sobre a Amazônia” (Mendes, 2004, p. 15).

“Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)” é o ensaio de Nunes (2004a) que faz parte desse livro. O longo título assinalado por Benedito prenuncia a aspiração do professor: traçar um panorama da cultura do Pará. Assim,

ele retornou às origens da região ao citar os nomes dos arqueólogos Clifford Evans e Betty Meggers, com suas pesquisas no Marajó, como ponto histórico iniciativo do breve panorama. A partir dessa história (ou pré-história), Benedito lançou mão, no rótulo extenso e espirituoso do artigo, da palavra “arquivo”, querendo indicar, a nosso ver, que desenhar o panorama da cultura do Pará é desafio que impõe acesso às fontes ou ao “arquivo”. Esse “arquivo”, certamente examinado pelo ensaísta, é precioso e plural, pois há nada menos do que duzentos nomes próprios grafados no ensaio de Benedito. Assim, o texto focaliza os nomes ou as principais pessoas que constroem ou construíram, com suas respectivas trajetórias, o panorama da cultura do Pará (Guimarães, 2012a, 2012b).

Foi dada grande importância a Eidorfe Moreira nesse panorama. Ao tecer suas considerações sobre as obras amazônicas cinzeladas por Eidorfe, Benedito chamou a atenção dos leitores para características marcantes do acervo escrito por Eidorfe, na medida em que essa obra tem estrutura composta de múltiplas facetas, em clara demonstração da amplitude e da diversidade dos conhecimentos que o professor de geografia habilmente conseguia mobilizar, aproximar, reunir. Eidorfe Moreira ocupou espaço privilegiado no relato de Benedito Nunes a partir dos anos 1950:

(...) desenvolve-se no decênio de 50, mas como se uma ilha solitária fosse, em modestas publicações, a maioria das quais custeada pelo próprio autor, a multifacetada ensaística de Eidorfe Moreira, distribuída por três ordens de assunto: os amazônicos (...), os geográfico-literários (...), os de história cultural do Pará (...). O pensamento do autor arrimava-se a um esquema conceptual geográfico, segundo nos revela o mais rico e fecundo dos seus ensaios, “Ideias para uma concepção geográfica da vida” (...). Afinal, Eidorfe primou na linha do ensaio particularmente dedicado à Amazônia (...). Outro filão para o qual ele também concorreu foi o da análise e da história da capital do Estado (Nunes, 2004a, p. 651).

¹ “Conceito de Amazônia” é a versão inicial de “Amazônia: o conceito e a paisagem” (Moreira, 1960a).

PARÁ CAPITAL BELÉM²

A pesquisa “Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia” (Guimarães, 2012b) contém a análise de textos de Benedito sobre a Amazônia. Um deles é “Pará capital Belém” (Nunes, 2006), parte do livro “Crônica de duas cidades: Belém e Manaus” (Nunes; Hatoum, 2006). As duas cidades amazônicas são vistas nessa obra através das seções “Pará capital Belém” e “Amazonas capital Manaus”, cinzeladas, respectivamente, por Benedito Nunes e o amazonense Milton Hatoum, dois intelectuais que o ambiente brasileiro sempre vincula à região amazônica. São “atuantes na arena das letras, na política da cultura e na história de seu tempo” (Figueiredo, 2006, p. 8). Aldrin Moura de Figueiredo fez o “Prefácio à guisa de crônica” para o livro e apresentou os discursos tecidos esteticamente pelos “legítimos cronistas de suas aldeias, paraísos perdidos, palácios da memória, invocados pela lembrança do tempo que passou” (Figueiredo, 2006, p. 5). Com perspicácia, Aldrin reuniu os temas principais – memória, tempo e história – para o entendimento do livro em observações densas, apontando para a “crônica” enquanto relato: “em suas origens mais remotas (...) é uma mera compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo”; é, portanto, “filha predileta da cronologia” – o radical da palavra confirma sua origem (Figueiredo, 2006, p. 5). Os dois autores da Amazônia voltaram-se

para si mesmos, para aquilo que Santo Agostinho (...) chamaria de viagem ao espírito, parte mais importante da alma humana. É reminiscência por certo. Se por um lado, não há desejo de voltar ao passado, também não existe sentimento de pertencer ao presente da cidade (Figueiredo, 2006, p. 8).

Benedito procurou valorizar as fontes que usou em sua pesquisa – “a que acrescentei a cor pessoal da memória

afetiva” (Nunes, 2006, p. 11) – daí ter homenageado, no texto, de forma explícita, seis intelectuais: Vicente Salles, Roberto Santos, Fábio Castro e, postumamente, Eidorfe Moreira, Augusto Meira Filho e Ernesto Cruz – autores fundamentais nas referências do livro, que somam 71 obras para quem quiser estudar Belém.

Sob a epígrafe poética de Baudelaire – “A velha Paris não existe mais (a forma de uma cidade / Muda mais rápido, ai de nós! Que o coração de um mortal)”³ –, que relembra a Paris que não mais existia, Benedito afirmou que essa crônica, iniciada com a referência à fundação da cidade, em 1616, por Francisco Caldeira Castelo Branco, pagava então sua “velha dívida com Belém” (Nunes, 2006, p. 11), débito que o professor também estendia à geração que viveu na cidade entre 1940 e 1960, quando a capital do Pará “ainda era uma cidade amável”. “Traço apenas, como um desenho à mão livre, o meu retrato de Belém” (Nunes, 2006, p. 11) – nesse retrato, Benedito trouxe à lembrança três obras de Eidorfe: “Belém e sua expressão geográfica”, “Visão geossocial do Círio” e “O livro didático paraense (breve notícia histórica)” (Moreira, 1966, 1971, 1979).

Em dois tópicos de “Pará capital Belém” – “O Padre Vieira, Landi e La Condamine” e “De quase Veneza a quase Liverpool” –, Benedito retornou seu olhar ao livro “Belém e sua expressão geográfica”, de Moreira (1966), escrito quarenta anos antes. Vejamos o que expressam esses dois tópicos.

No primeiro, quando comentou a chegada de Antônio Vieira à região amazônica, Benedito citou Eidorfe: “Belém era então um modesto ajuntamento de construções de pau a pique e de enchimento cobertas de palha” (Moreira, 1966, p. 34 *apud* Nunes, 2006, p. 12). O tema havia sido abordado por Eidorfe no capítulo “Belém como cidade pioneira”:

(...) a colonização lusa encontrou na região condições ideais para uma obra pioneira em grande escala (Moreira, 1966, p. 29).

² Esse tópico retoma a reflexão iniciada em Guimarães (2012a), agora ressignificada e ampliada.

³ “*Le vieux Paris n'est plus (la forme d'une ville / Change plus vite, hélas! que la coeur d'un mortel.)*” – versos originais citados por Benedito e traduzidos na sua nota de rodapé (Nunes, 2006, p. 11).

Geograficamente considerada, porém, a marca ou feição indígena da cidade residia no seu primarismo arquitetônico. Belém era então um modesto ajuntamento de construções de pau a pique e de enchimento cobertas de palha. Tanto quanto nos costumes, o português imitou também o índio em matéria de construção. Nada mais expressivo neste sentido do que a adoção generalizada da palhoça e da caçara por parte do colonizador, principalmente esta última, pelo seu caráter de precaução e de defesa (Moreira, 1966, p. 34).

Depois, ao longo do tópico “De quase Veneza a quase Liverpool”, Benedito enfatizou a característica de Belém, desde o século XVIII, como uma “cidade cêntrica” (Nunes, 2006, p. 17): primeiro, porque “centralizava a paisagem do estuário amazônico, entre rio e floresta”. Tal centralização tinha a ver também com as relações comerciais, mantidas com “o estrangeiro e o resto do país”, incluindo o “mercado escravo” (Nunes, 2006, p. 17). Depois que as culturas indígenas foram subjugadas e destruídas, Belém centralizava o “prolongamento armado da civilização europeia na Amazônia” (Nunes, 2006, p. 17), mantendo a vigilância do rio Amazonas e assim gerindo a penetração do poder imperial. Nessa análise, Benedito usou a expressão “bandeirantismo” (Nunes, 2006, p. 18), antes empregada pelo professor de geografia (Moreira, 1966). Assim Eidorfe abordara a questão:

Mas foi sobretudo como centro de irradiação bandeirantina que a influência da cidade se fez sentir na região. A não ser a capital paulista, nenhuma outra cidade do Brasil teve tão ampla e efetiva irradiação territorial quanto Belém.

Com ela surgiu um bandeirantismo novo, menos arrojado e menos glorioso do que o paulista, porém mais relevante sob o ponto de vista geopolítico, pelo que representava como processo sistemático de ocupação territorial (Moreira, 1966, p. 42).

Ainda em “De quase Veneza a quase Liverpool”, Benedito recordou trechos de “Belém e sua expressão geográfica” para observar que Charles-Marie de la Condamine e Henry Walter Bates tiveram boa impressão de Belém.

[Eles] puderam encantar-se com uma cidade que, “pela sua posição e belo clima, pela arborização e pela ecologia, e pela exuberância do colorido que a cerca”, é a “mais típica e representativa das capitais tropicais brasileiras” (Moreira, 1966, p. 149-150 *apud* Nunes, 2006, p. 18).

E o que falar sobre o Círio de Nazaré? É no tópico inicial de “Pará capital Belém” (Nunes, 2006, p. 16) que constam os comentários de Benedito acerca das primeiras romarias à Virgem de Nazaré, quando o santuário era “acessível por rústica picada – posteriormente chamada de ‘estrada’ de Nazaré – ladeada de ‘rocinhas’, misto de casa e de pomar, como residência dos mais abastados”. Benedito observou que a procissão do Círio e o arraial festivo significam também um movimento de migração periódica para Belém das populações do interior. Nunes (2006, p. 16) fez uso de uma expressão de Eidorfe: “transumância de fundo religioso”. No livro “Visão geossocial do Círio”, Eidorfe explicara o uso do termo “transumância” para analisar a movimentação anual de fundo religioso:

Geograficamente considerado, [o Círio] é o clímax de uma transumância de fundo religioso. As migrações periódicas são frequentes na Amazônia, quer motivadas por causas geográficas, como no caso das inundações, quer por causas econômicas, como acontece durante as safras de certos produtos regionais. Mas há também migrações periódicas de caráter religioso, e o Círio é o exemplo por excelência disso (Moreira, 1971, p. 19, grifo nosso).

Eidorfe explicou sua motivação para escrever “Visão geossocial do Círio”, com um olhar sobremaneira sociológico, depois de declarar que não era católico. Seu interesse era

encarar o [Círio] (...) em termos de estudo e de pesquisa, sem preocupações de outra natureza. Desde que alcance certa repercussão, todo fato ou fenômeno social se impõe por si mesmo à consideração dos estudiosos, como motivação natural do meio (Moreira, 1971, p. 3).

Ainda quanto às referências de Benedito a Eidorfe, em “Pará capital Belém” (Nunes, 2006), cabe examinar



aquelas sobre “O livro didático paraense (breve notícia histórica)” (Moreira, 1979). O assunto faz parte do tópico “Os ilustres emigrados, livros à mão cheia” (Nunes, 2006). Nele, Benedito abordou, primeiro, figuras ilustres do Pará que emigraram para o Rio de Janeiro, como José Veríssimo e Inglês de Sousa; depois, observou: “Livros nunca nos faltaram. Chegavam com as modas de Paris” (Nunes, 2006, p. 38). Estavam nas livrarias e nas bibliotecas particulares. A cidade de Belém ainda não tinha cursos superiores, mas “no seu período áureo editou apreciável número de livros didáticos, de autoria de professores paraenses” (Nunes, 2006, p. 38). Esse levantamento de livros didáticos – tema histórico e fundamental para entender como se desenvolvia a educação em Belém – foi conduzido com zelo por Eidorfe e deu origem a “O livro didático paraense (breve notícia histórica)” (Moreira, 1979).

Portanto, Eidorfe e Benedito escreveram sobre Belém em datas emblemáticas, se considerada a fundação da cidade, em 1616: “Belém e sua expressão geográfica” (Moreira, 1966) é livro que foi lançado pela Prefeitura Municipal de Belém na ocasião do 350º aniversário; “Pará capital Belém” (Nunes, 2006) é trabalho patrocinado pela Secretaria de Cultura do Pará (SECULT) aos 390 anos da cidade, em marcha para o quarto centenário. Considerados os perfis intelectuais dos dois escritores, os seus pensamentos podem ser cotejados por meio dessas obras em torno de Belém.

CINQUENTENÁRIO DA UFPA

Em [19]77 veio a lume (...), a expensas do autor [Eidorfe Moreira], “Para a história da Universidade Federal do Pará (Panorama do primeiro decênio)”, valiosa contribuição ao conhecimento histórico da importante entidade (Chaves, 1989a, p. 23).

A Universidade estava criada [em lei] desde 1957, a partir de projeto apresentado inicialmente pelo deputado Epílogo de Campos, que ganhou substitutivo elaborado pelo deputado Lameira Bittencourt. Portanto, o livro de Eidorfe foi lançado duas décadas após o ato de criação da Universidade, embora trate exclusivamente do primeiro decênio da instituição (Guimarães, 2012a, p. 261).

Como dissemos, Eidorfe ingressou na Universidade em 1967 (Chaves, 1989a). Escreveu sobre a década inicial da instituição, período no qual ele ainda não pertencia aos seus quadros. Sobre essa publicação, um detalhe fora dos padrões é o fato de Eidorfe ter custeado o livro – portanto uma produção independente sem a chancela oficial. O autor explicou sua decisão de escrever:

Já é tempo de se preparar terreno para a elaboração, em bases sólidas e condignas, da história da Universidade Federal do Pará. Não importa que a Universidade só tenha completado duas décadas de existência, pois o labor histórico, assim como não está sujeito à prescrição, não requer também período de carência para começar.

Pelo simples fato de interligar gerações, é um labor que exige contínua e efetiva cooperação entre elas, tanto mais quando se processa em vários planos e de várias formas (Moreira, 1977, p. 11, grifo nosso).

A Universidade prosseguiu a sua trajetória, interligando gerações e completou 50 anos em 2007, quando Eidorfe já havia falecido. Nas comemorações do primeiro meio século da UFPA, houve cerimônia no Theatro da Paz, em Belém, o mesmo imponente local da instalação, em 1959, quando esteve presente Juscelino Kubitschek como presidente da República. O conferencista convidado em 2007 foi Benedito Nunes. Construiu seu enunciado – publicado em 2012 – movido pela seguinte questão (Nunes, 2012d): o que significa para nós, hoje, a cinquentenária Universidade Federal do Pará?

Em sua mensagem, Benedito recordou que a Universidade fora criada num “contexto simbólico, porque polarizado pela fundação de Brasília e pela ideologia desenvolvimentista da época”, referindo-se também à qualificação, àquela altura, do “Brasil como um país em desenvolvimento” e, conseqüentemente, sob tal aspecto, fazendo menção ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), a Álvaro Vieira Pinto e a Guerreiro Ramos (Nunes, 2012d, p. 208).

No que diz respeito a Eidorfe, nessa conferência de 2007, Benedito dialogou com a obra “Para a história

da Universidade Federal do Pará (Panorama do primeiro decênio)” (Moreira, 1977), aproximando dois significados: a instalação da Universidade e da nova capital, Brasília – que “correspondem a um mesmo surto de progresso, de desenvolvimento econômico e material do país” (Nunes, 2012d, p. 208). O livro de Eidorfe, longe de ser um compêndio com teor meramente administrativo ou protocolar, tem, por exemplo, um capítulo sobre o sentido geopolítico da instalação da Universidade. É justamente nessa fonte que Benedito encontrou maior inspiração para sua mensagem:

Dá ter afirmado Eidorfe (...) que a Universidade Federal do Pará é a “Universidade geopolítica por excelência do Brasil, (...) que se tornou uma das forças integradoras da Amazônia no concerto nacional. (...) Contemporânea da nova capital”, continua a dizer o mesmo ensaísta, “e historicamente sincronizada com ela, não poderia haver, para a Universidade Federal do Pará, melhor signo de nascimento do que esse, uma vez que Brasília é a marca real e o passo decisivo de uma nova fase de integração nacional: a ‘marcha para o Oeste’ e a ‘marcha para a Amazônia” (Moreira, 1977, p. 29-30 *apud* Nunes, 2012d, p. 208-209).

Benedito, ao escolher e avaliar o livro de Eidorfe, de 30 anos antes, para subsidiar seu próprio discurso de 2007 – ao mesmo tempo em que articulou na sua fala novas abordagens sobre o significado da instituição universitária paraense –, não deixou de simbolizar, no palco do Teatro da Paz, outro trecho dessa reflexão a respeito do cinquentenário: “As mudanças de mentalidade [na Universidade] serão sempre mais lentas, e sobrevirão com o trabalho acumulado de mais de uma geração” (Nunes, 2012d, p. 210, grifo nosso). Seria essa sintonia entre os dois intelectuais, com uma diferença de 17 anos entre as respectivas datas de nascimento, aquela interligação de gerações vislumbrada por Eidorfe em 1977?

Enfim, vejamos o fecho da exposição de Benedito, pois também nos permite cotejar suas ideias com as de Eidorfe:

A tentativa encetada pela Universidade Federal do Pará de distribuição igualitária, no seu espaço de interesses comuns já aberto, das disciplinas, sem a arrogante mais-valia de umas sobre as outras, foi necessária, mas não é suficiente. Ciências, artes e letras na comunhão de constante intercâmbio – é isso que precisamos conquistar a caminho do horizonte ideal, que a Universidade deve se propor, de unir conhecimento e experiência, ciências e sabedoria e, sobretudo, seguindo o conselho do humanista e humorista do século XVI, Rabelais, unir ciência e consciência (Nunes, 2012d, p. 211, grifo nosso).

Ora, Benedito sempre se posicionou contrário à cisão da vida intelectual – ciências de um lado e humanidades de outro – e fez críticas a respeito das principais falácias que ocasionam tal separação: “a falácia de que arte não é pensamento, a falácia de que ciência é todo o conhecimento, a falácia de que o conhecimento é eticamente neutro” (Nunes, 1997, p. 549). É como dizer, com outras palavras, o parágrafo final da conferência de 2007 aqui reproduzido? Quanto a Eidorfe, toda sua obra é uma demonstração de que o conhecimento decorre de visão geral da vida, sem barreiras entre campos disciplinares: “Quem quer que se proponha a uma visão geral da vida, num sentido geográfico ou não, não tem por que desprezar nenhuma das fontes expressivas e autênticas dessa mesma vida” (Moreira, 2012, p. 16). Isso ratifica um item anterior deste ensaio, que contém a discussão sobre interdisciplinaridade – a de Eidorfe foi reconhecida por Benedito na Aula Magna da UFPA, pronunciada em 1999 (Nunes, 2008) – e serve, assim, como instrumento precioso para afinar esse debate.

“IMAGEM DO SERTÃO” E “UMA CONCEPÇÃO GEOGRÁFICA DA VIDA”

Benedito escreveu regularmente no jornal paulista “O Estado de S. Paulo” (O Estado de S. Paulo, 2013). No período de 1956 a 1974, esse jornal veiculou nacionalmente o famoso “Suplemento Literário” idealizado por Antonio Candido: “modelo de todos os cadernos culturais que o sucedera” (Lorenzotti, 2007,

p. 40). No entendimento de Lorenzotti (2007, p. 82), Antonio Candido via a necessidade de uma fórmula paulista para o “Suplemento Literário” do ‘Estadão’, com alguma tonalidade proveniente da Universidade de São Paulo (USP), pois São Paulo e o Rio de Janeiro eram diferentes, havia mais agitação no Rio de Janeiro. No projeto de Candido, já estavam listados colaboradores como Sérgio Buarque de Holanda, Wilson Martins, João Cabral de Mello Neto, Florestan Fernandes, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, José Arthur Gianotti, Maria Isaura Pereira de Queiroz etc. Naquela ocasião, a publicação na imprensa era muito importante para a carreira intelectual e um sinal de prestígio.

Benedito começou a escrever no “Suplemento Literário” do ‘Estadão’ em 1959, atividade que se prolongou até o final da sua circulação em 1974. Todavia, depois que o “Suplemento” foi substituído por outros modelos, no mesmo jornal paulista, a colaboração de Benedito prosseguiu. A partir de pesquisa documental em curso no acervo digital desse periódico, estamos localizando e analisando os artigos de Benedito. Depois de uma visada inicial nesse grande banco de dados, cabe observar que há uma espécie de mescla urdida por Benedito: temas de interesse universal ou de âmbito mais geral convivem com artigos ligados, especificamente, ao Pará e seus autores – como “Imagem do sertão” (Nunes, 1960) e “Uma concepção geográfica da vida” (Nunes, 1961), sobre livros de Eidorfe. O primeiro texto, ainda inédito em livro, é baseado em “Sertão: a palavra e a imagem” (Moreira, 1959) e está reproduzido na íntegra como Apêndice deste ensaio. O segundo texto analisa “Ideias para uma concepção geográfica da vida” (Moreira, 1960b) e foi reproduzido (Nunes, 2012c), como apêndice, na edição comemorativa do centenário do nascimento de Moreira (2012). Aquele livro de Eidorfe escrito em 1960, “com nítido acento filosófico”, foi o que mais impressionou Benedito, ao alcançar “as dimensões múltiplas da Natureza

e da atividade humana concentradas no termo genérico ‘vida’” (Nunes, 1961, p. 4).

Observa-se, portanto, que, ao lado de temáticas certamente mais demandadas pelos centros hegemônicos do país, muito poderosos no campo intelectual, Benedito conseguiu introduzir a Amazônia entre seus artigos para jornais de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, uma vez que escreveu também na “Folha de S. Paulo”, no “Jornal do Brasil” e em “O Estado de Minas” (Guimarães, 2012b).

OUTROS TRABALHOS

No estágio atual de nossa pesquisa, ainda identificamos três outras manifestações de Benedito a respeito da obra de Eidorfe, sobre as quais faremos breves comentários em seguida: as referências no “Anuário da literatura brasileira – Pará”, trabalho de 1961, reeditado em 2012 (Nunes, 2012a); o ensaio sobre Annuciada Chaves e Arthur Cezar Ferreira Reis, veiculado pela Revista de Cultura do Pará, em edição na qual Annuciada foi homenageada por vários autores do Pará (Nunes, 2003); a lembrança registrada em entrevista que Benedito concedeu ao jornal paraense “O Liberal” (Nunes, 2007).

Com a declarada intenção de “compreender a situação da literatura do Pará em 1960”, Benedito colaborou com a edição nacional do “Anuário da literatura brasileira”, tomando como ponto de partida uma breve análise das precárias condições socioeconômicas do estado (Nunes, 2012a, p. 132). Nesse compêndio, Benedito distinguiu os ensaios de Eidorfe:

O professor Eidorfe Moreira, em “Ideias para uma concepção geográfica da vida” (edição particular), obra de pesquisa do estudioso a quem devemos “Conceito de Amazônia” e “Sertão: a palavra e a imagem”, defende a aproximação entre a filosofia e a geografia, na base de uma concepção geográfica da vida que, devido à sua perspectiva mais ampla e mais diversificada da realidade cênica do Universo, possa infundir na filosofia o sentido da existência concreta do mundo e do homem que tantas vezes lhe tem faltado (Nunes, 2012a, p. 135-136).

Eidorfe e Benedito, quando trabalharam na SPVEA, na década de 1950, conviveram profissionalmente com Arthur Cezar Ferreira Reis, o primeiro superintendente da instituição com sede em Belém. Mas, o contato com Ferreira Reis começara muito antes, no Colégio Moderno, em Belém. Ao escrever o ensaio “Dois mestres e uma só lembrança”, Benedito lembrou que fora aluno desses dois professores no ensino secundário, mas, em seu texto, não deixou de salientar também Eidorfe, ao lado daqueles dois mestres que tanto admirou: “Bacharéis em Direito, autoformaram-se professores. Então, o autodidatismo era próspero e feliz, como o foi o de Eidorfe Moreira” (Nunes, 2003, p. 7).

Houve outra ocasião em que Benedito trouxe Eidorfe à pauta, mesmo não sendo o foco principal do momento. Queremos aludir à entrevista que assentiu ao jornalista Edson Coelho, de “O Liberal”, quando o assunto que demandou a conversa girava em torno de Dalcídio Jurandir e da premência da republicação de sua importante obra. No desenrolar da conversa, Benedito acrescentou comentários sobre mais uma lamentável falta de novas edições: “Eidorfe Moreira (...) inclusive fixou o conceito de Amazônia e tem uma obra maravilhosa, (...) uma concepção ordenada geograficamente pela própria terra. Fui aluno do Eidorfe” (Nunes, 2007, p. 12). Com essa declaração em forma de adendo, Benedito, ao incluir em sua fala trabalhos como “Conceito de Amazônia” e “Ideias para uma concepção geográfica da vida”, se já apontava para a relevância de reeditar os livros esgotados do paraense Dalcídio, também lastimava a falta de disponibilidade da produção intelectual de Eidorfe. Em outras palavras, o problema estava mesmo concentrado na dificuldade de circulação das obras de autores da Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer à baila o olhar de Benedito sobre a produção intelectual de Eidorfe é, certamente, um caminho para despertar o interesse a respeito dessa obra, colocando

sua discussão em alto nível. Com o impulso recebido das ideias de Villas Bôas (2006) quanto ao papel da recepção para circular e reelaborar pensamentos, procuramos ver, neste ensaio, Benedito como leitor e Eidorfe como autor. Isso nos exigiu algum conhecimento dos dois intelectuais, o que provém da pesquisa em curso no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da UFPA.

O estudo [sobre a recepção das ideias] exige o conhecimento de dois conjuntos de pensamento: do autor ou autores e de seu leitor ou leitores. Trata-se assim de trabalho duplo, custoso e demorado, porque exige o domínio tanto das ideias do autor que se deseja analisar como das ideias de seu leitor ou leitores (Villas Bôas, 2006, p. 27, grifo nosso).

O grau de dificuldade é grande. Mas, os primeiros resultados surgem agora, quando é possível concluirmos que Benedito, como leitor, chegou ao significado de uma obra extensa, articulando interrogações capazes de mobilizar o pensamento e a cultura, a partir dos livros de Eidorfe. Fez isso também como crítico da cultura e intérprete dos autores da Amazônia. Constituiu-se assim, em sua recepção de Eidorfe, aquela “dimensão atuante” referida por Villas Bôas (2006, p. 63). Por fim, a propósito da formulação de perguntas no trabalho de recepção, Benedito, como professor de filosofia e crítico literário, considerou os questionamentos como mais essenciais do que as respostas, pois o que elas têm, de melhor, é a possibilidade de encetar novas perguntas (Nunes, 2012b). Este ensaio quis trazer algumas respostas, mas sobretudo perguntas que nos fazem retornar à epígrafe de Meireles (1982, p. 75): será que assim, com a provocação do *paper*, aquela “voz que canta” terá sua “janela”? Para Benedito Nunes (2010a, p. 50), com base em Oswald Spengler, a “dinâmica das janelas é portadora da força vital da cultura do Ocidente”. Escreveu Spengler (1973, p. 131) sobre o que a janela simboliza: “Aí se percebe nitidamente a vontade de sair do espaço interior e de penetrar no infinito”. Caminhamos alguns passos?



AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a concessão de Bolsa do Programa de Pós-Graduação, para o desenvolvimento do doutorado de Maria Stella Faciola Pessôa Guimarães.

REFERÊNCIAS

BOLLE, Willi; CASTRO, Edna Maria Ramos de; VEJMEKKA, Marcel. Apresentação. In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna Maria Ramos de; VEJMEKKA, Marcel. (Org.). **Amazônia**: região universal e teatro do mundo. São Paulo: Globo, 2010. p. 7-16.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004. Título Original: Les usages sociaux de la science: por une sociologie du champ scientifique.

CHAVES, Maria Anunciada (Org.). Nota biográfica. Apresentação. In: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989a, p. 17-24. v. 1.

CHAVES, Maria Anunciada (Org.). Juízos sobre suas obras. In: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989b, p. 377-382. v. 8.

COELHO, Geraldo Mártires. Eidorfe Moreira e o conhecimento transdisciplinar. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 15, n. 2, p. 5-20, dez. 2012.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Prefácio à guisa de crônica. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. **Crônica de duas cidades**: Belém e Manaus. Belém: SECULT, 2006. p. 4-8.

GUEIROS, Therezinha Moraes. Éramos seis... In: CHAVES, Lília Silvestre (Org.). **O amigo Bené**: fazedor de rumos. Belém: SECULT, 2011. p. 203-206.

GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pessôa Guimarães (Org.). Caminhos para ler Eidorfe Moreira. In: MOREIRA, Eidorfe. **Ideias para uma concepção geográfica da vida**. Belém: SEMEC, 2012a. p. 213-269.

GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pessôa. **Um olhar atrás da escrita**: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento)– Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012b.

HOLLANDA, Chico Buarque de. Uma palavra. In: HOLLANDA, Chico Buarque de. **Tantas palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 397.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário**, que falta ele faz! 1956-1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MEIRELES, Cecília. Realejo. In: MEIRELES, Cecília. **Viagem**: vaga música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 75-76.

MENDES, Armando Dias. Apresentação. In: MENDES, Armando Dias (Org.). **Amazônia, terra e civilização**: uma trajetória de 60 anos. Belém: BASA, 2004. p. 15-42. v. 1

MICELI, Sérgio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. **Tempo social**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 63-79, abr. 2003.

MOREIRA, Eidorfe. **Ideias para uma concepção geográfica da vida**. Belém: SEMEC, 2012.

MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989. 8 v.

MOREIRA, Eidorfe. A Amazônia de Júlio Verne. In: MOREIRA, Eidorfe. **Geografias mágicas**. Belém: EDUFPA, 1985a. p. 131-139.

MOREIRA, Eidorfe. Sertão em novas dimensões. In: MOREIRA, Eidorfe. **Geografias mágicas**. Belém: EDUFPA, 1985b. p. 179-211.

MOREIRA, Eidorfe. **O livro didático paraense**: breve notícia histórica. Belém: Imprensa Oficial, 1979.

MOREIRA, Eidorfe. **Para a história da Universidade Federal do Pará**: panorama do primeiro decênio). Belém: Grafisa, 1977.

MOREIRA, Eidorfe. **Visão geossocial do Círio**. Belém: UFPA, 1971.

MOREIRA, Eidorfe. **Belém e sua expressão geográfica**. Belém: UFPA, 1966.

MOREIRA, Eidorfe. **Amazônia**: o conceito e a paisagem. Rio de Janeiro: Agência da SPVEA, 1960a.

MOREIRA, Eidorfe. **Ideias para uma concepção geográfica da vida**. Belém: H. Barra, 1960b.

MOREIRA, Eidorfe. **Sertão**: a palavra e a imagem. Belém: H. Barra, 1959.

NUNES, Benedito. Anuário da literatura brasileira – Pará (1961). In: NUNES, Benedito. **Do Marajó ao arquivo**: breve panorama da cultura no Pará. Belém: SECULT; Belém: EDUFPA, 2012a. p. 132-136.

NUNES, Benedito. Discurso pronunciado na sessão comemorativa do quinto aniversário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Pará. In: NUNES, Benedito. **Do Marajó ao arquivo**: breve panorama da cultura no Pará. Belém: SECULT; Belém: EDUFPA, 2012b. p. 185-196.

NUNES, Benedito. Uma concepção geográfica da vida. In: MOREIRA, Eidorfe. **Ideias para uma concepção geográfica da vida**. Belém: SEMEC, 2012c. p. 207-212.



- NUNES, Benedito. Universidade e identidade brasileira. In: NUNES, Benedito. **Do Marajó ao arquivo**: breve panorama da cultura no Pará. Belém: SECULT; Belém: EDUFPA, 2012d. p. 208-211.
- NUNES, Benedito. Casa, praça, jardim e quintal. In: NUNES, Benedito. **Ensaios filosóficos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a. p. 43-59.
- NUNES, Benedito. Pluralismo e teoria social. In: NUNES, Benedito. **Ensaios filosóficos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b. p. 276-303.
- NUNES, Benedito. Amazônia e suas culturas. In: MERONI, Fabrizio (Org.). **As cidades, as culturas e seus desafios**: o CCFC na Amazônia. Belém: CCFC; São Paulo: EDUSC, 2008. p. 255-265.
- NUNES, Benedito. Uma obra na expectativa da história. Entrevistador: Edson Coelho. **O Liberal**, Belém, 11 nov. 2007. Caderno Magazine, p. 12. Entrevista.
- NUNES, Benedito. Pará capital Belém. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. **Crônica de duas cidades**: Belém e Manaus. Belém: SECULT, 2006. p. 11-45.
- NUNES, Benedito. Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis). In: MENDES, Armando Dias (Org.). **Amazônia, terra e civilização**: uma trajetória de 60 anos. Belém: BASA, 2004a, v. 2. p. 639-656.
- NUNES, Benedito. **Filosofia contemporânea**. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2004b.
- NUNES, Benedito. Dois mestres e uma só lembrança. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 14, n. 1, p. 7-9, jan. 2003.
- NUNES, Benedito. Um conceito de cultura. In: XIMENES, Tereza (Org.). **Perspectivas do desenvolvimento sustentável**: uma contribuição para a Amazônia 21. Belém: UFPA; NAEA; UNAMAZ, 1997. p. 531-551.
- NUNES, Benedito. Nota crítica. Apresentação. In: MOREIRA, Eidorfé. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989, v. 1. p. 25-28.
- NUNES, Benedito. Uma concepção geográfica da vida. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 fev. 1961. Suplemento Literário, p. 4.
- NUNES, Benedito. Imagem do sertão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 jun. 1960. Suplemento Literário, p. 4.
- NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. **Crônica de duas cidades**: Belém e Manaus. Belém: SECULT, 2006.
- O ESTADO DE S. PAULO. Acervo digital do jornal consultado pela internet. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- PERDIGÃO, Antônia Cristina. A filosofia existencial de Karl Jaspers. **Análise psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 539-557, out. 2001.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012. Título original: Amazônia: el rio tiene voces: imaginario y modernización.
- SPENGLER, Oswald. **A decadência do Ocidente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. **A recepção da sociologia alemã no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

Apêndice.

IMAGEM DO SERTÃO

Benedito Nunes

O ensaio de Eidorfe Moreira, “Sertão – a palavra e a imagem”, não é um simples trabalho de especialista. Geógrafo completo, Eidorfe Moreira é também um historiador com sólida formação filosófica e humanística. O seu extraordinário *background* cultural revela-se logo de início, na análise da palavra ‘sertão’, inspirada nos princípios gerais que regem a moderna semântica. Declarando que “todas as palavras são suscetíveis de certas disponibilidades semânticas” e que, “por trás da crosta do significado comum, que é o seu valor usual como unidade de significação, elas encerram também certas possibilidades latentes”, o autor qualifica ‘sertão’ como palavra-mundo. “Poucos vocábulos, diz ele, estarão tão intimamente ligados à vida nacional como este. Ele representa, para nós, o que ‘pampa’ representa para a Argentina, ‘estepe’ para a Rússia, ‘deserto’ para a Judeia ou para a Arábia: um símbolo geográfico e um elemento de caracterização”. Essa palavra, importante no vocabulário administrativo do Brasil-colônia, indica um dos elementos dialéticos da nossa história. É o termo oposto a litoral, a costa, a vida urbana. A formação nacional se processou debaixo dessa tensão entre um exterior sujeito a influências oscilantes, que dependiam do ritmo da própria história europeia e de um interior que suscitava novas forças sociais e econômicas, e que é responsável tanto pelo movimento das bandeiras como pelos ciclos da mineração e da criação de gado. “O litoral representa as influências externas, aquilo que temos de comum e incomum com os demais povos; o sertão encarna as nossas persistências históricas, o substrato real da nacionalidade. Pelo litoral somos universais; pelo sertão somos nós mesmos”. Daí por que a oposição ‘litoral-sertão’, como uma das chaves dialéticas do nosso desenvolvimento como povo, não exprime uma simples dicotomia geográfica. Ela traduz uma antítese, cuja importância é, simultaneamente, histórica e social.

Penetrando no conteúdo da palavra, Eidorfe Moreira extrai seis aspectos que se entrecruzam na gama de significados que o sertão exprime.

Em primeiro lugar, ‘sertão’ exprime uma relação topológica. É o interior (*backland, hinterland*), compreendendo “as terras situadas além da faixa litorânea”. Não há porém limites fixos entre a área do sertão e a do litoral. Tomando-se por base um só critério, seja fisiográfico, fitofisionômico ou climatérico, não conseguimos estabelecer fronteiras precisas. Igualmente nem a natureza do solo, nem a incidência das chuvas podem enquadrar o sertão nessa moldura geográfica extremamente simples. O interior não é ‘sertão’ para o Extremo-Norte e para o Extremo-Sul. A relação topológica é, portanto, grandemente móvel; os dois termos, sertão, sinônimo de interior, e litoral ou costa, ora se afastam, ora se aproximam muito.

Sertão significa, também, “um tipo de paisagem, um quadro ou panorama caracterizado por certos traços geográficos e humanos”. Nada exuberante, indisciplinada e violenta, hostil ao homem, essa paisagem caracteriza-se por um certo abandono intrínseco que a agrestia eleva ao superlativo. Dela fazem parte o primarismo do regime econômico e o primarismo da cultura. O seu paradigma é o interior do Nordeste. Apresenta formas atenuadas de relevo, clima quente e seco, com pluviosidade irregular, além de vegetação rasteira, fraca expressão demográfica e, ao lado de uma economia tradicionalmente pastoril, populações em estado de penúria, com baixo padrão de vida.

O terceiro significado de sertão é grandeza, “vastidão, distância e lonjura”. A palavra em si, como observa o autor, já traz no seu corpo elementos sonoros ou fonéticos que lhe permitem sugerir o imenso e o ilimitado e que



adjetivos como 'grande' só podem fortalecer, acentuando a impressão de abertura espacial e também, diríamos, de profundidade. Nesse sentido o sertão vale por uma presença espiritual. É o sertão de Riobaldo que “está em toda parte” e “é sem lugar”. Ainda não se esgotou a riqueza da palavra e ainda não se compôs a imagem correspondente que o autor deseja transmitir-nos. Pois o sertão não é um só. Como topônimo, ele varia. “Na realidade, não há sertão, há sertões”. Euclides da Cunha e Taunay não falaram de uma mesma terra sertaneja. E o sertão que eles conheceram não foi o solo que os bandeirantes pisaram e desbravaram.

Em torno dos dois últimos significados é que Eidorfe Moreira desenvolve as ideias mais interessantes, de um modo muito pessoal, completando a imagem múltipla do sertão, que possui para ele uma densidade espiritual de apelo profundo e de aventura solitária e um conteúdo significativo para a realização do destino histórico do povo brasileiro. Daí por diante, o geógrafo vai utilizar a análise sociológica e política, sem desprender-se da realidade viva que procura compreender e interpretar.

Sertão e acracia se confundem. O sertão é natural e socialmente acrático: um estado de anarquia permanente que as condições ambientes consolidam e estimulam. A presença do Poder Público nele se esfuma. A organização do Estado dilui-se entre os chapadões altivos, no remanso traiçoeiro das veredas silentes, nos pés de serra e nas voltas dos caminhos ao longo dos descampados adustos, durante a dispersão determinada pelas secas, e em torno dos santuários milagrosos.

O anarquismo do sertão não está só na arma do cangaceiro e no mandonismo dos coronéis e senhores de terra. Ao lado do anarquismo ativo, responsável por tantos “governadores” e que produz as empreitadas de sangue e o sistema ininterrupto de vinditas privadas que os interesses políticos perpetuam, há “o anarquismo como agitação intermitente” do sertanejo, e que é “endêmico, pacífico e natural”. Esse último representa, em imagem grosseira, um “estado natural” constante que neutraliza a presença do Poder Público, esbate a força disciplinadora da ordem jurídica, fazendo com que os costumes e as tradições prevaleçam sobre a lei tanto quanto as relações de ordem privada sobre as de ordem pública.

Penso que esse anarquismo intermitente está estreitamente relacionado com o sexto e último significado de sertão: como “estado mental”, que não é a interiorização da paisagem, nem apenas uma reação emotiva do homem ao ambiente em que ele vive. É toda uma atitude de espírito, um modo permanente de sentir, de ver, de dar valor às coisas. Mais do que arraigamento à terra, o estado mental correspondente a sertão é o de introversão psíquica. É o mundo interior, o *hinterland* da alma que Guimarães Rosa soube compreender e retratar admiravelmente nas peripécias de Riobaldo e Diadorim.

Signo espiritual da vida brasileira no que ela tem de mais interior, profundo e secreto, o sertão tem sido e continua sendo um dos polos da nossa história e da nossa formação social. Contrabalançando as solicitações do litoral, o sertão, como termo antitético, é a reserva das forças sociais e econômicas que, convenientemente aproveitadas, servirão para garantir o equilíbrio, a unidade e o desenvolvimento harmonioso do país.